

BERNARDO GUIMARÃES E LUIZ GAMA: ESCRITA CONTEMPORÂNEA

Meila Oliveira Souza Lima (UEFS)¹


Resumo: Nesta proposta de trabalho nos habilitamos a exibir textos poéticos de Bernardo Guimarães (1825-1884) e Luiz Gama (1830-1882), com temáticas presentes na atualidade. Verificamos nas poesias aqui analisadas assuntos que necessitam de discussão, e que no século XIX foram postos em debate pelos poetas, como a sexualidade, a moda e a cultura afro-brasileira, por exemplo. Ambos os textos ultrapassaram gerações e se mostram atuais em uma época que ainda percebemos imposições culturais. Os poemas trazem a vista proposições que outros autores negligenciaram no passado, mas que ambos os vates não deixaram passar despercebidos, achando-se relevantes para o conhecimento social/cultural brasileiro.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Estudo Comparado; Romantismo; Cultura Brasileira

Começamos com célebre frase: “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEM, 2009, p. 62). A partir dela, percebemos como o escritor mineiro Bernardo Guimarães (1825-1884), bem como o poeta baiano Luis Gama (1830-1882), foi audacioso em escrever sobre os problemas do nosso país, como a violência do interior abandonado pelo estado (*Ermitão do Muquém*); a imposição religiosa aos jovens (*Seminarista*); a estupidez da escravidão (*A Escrava Isaura, Rosaura, a enjeitada*); a futilidade dos ricos e pessoas da corte. O mineiro quer na poesia, quer na prosa, indicou lugares que conheceu, transmitiu suas inquietações sobre o nacional, bem como a ideia de liberdade que é direito de todos. Com isso, aponta-se como a produção de Guimarães se faz importante em nosso cenário literário, pois mostra/revela um Brasil verossímil através da ficção, com sua gente do povo. Gama expôs sobre os desmandos da escravidão e dos senhores escravocratas, e também sobre o preconceito sofrido pelos negros. Nas palavras de Compagnon (2009, p. 51) “a literatura, exprimindo a exceção, oferece um conhecimento diferente do conhecimento erudito, porém mais capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas”. Para este estudo sobre a obra de Guimarães e Gama, utilizamos textos que se baseiam nas teorias contemporâneas, pois a crítica literária romântica não deu conta do discurso de ambos. Sendo assim, a literatura, representada pelas obras dos escritores em questão:

Desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que o discurso filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e

¹ Mestre em Estudos Literários (UEFS), Graduada em Letras com Inglês (UEFS). Contato meilalima@hotmail.com.




à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes (COMPAGNON, 2009, p. 50).

A literatura romântica e posterior revelam nosso país e o pensamento da época. A poesia de Bernardo e Gama cumpre sua função central que, nas palavras de Paz (2013, p. 59) “é mostrar-nos o outro lado das coisas, o maravilhoso cotidiano: não a irrealidade, mas a prodigiosa realidade do mundo”. Em sua busca por uma literatura nacional, os escritores fugiram dos modelos europeus, como o próprio Guimarães afirmou em um de seus artigos na secção literária do *A Actualidade*, em 1859, referindo que a influência da literatura europeia “tem nos feito abandonar as próprias inspirações, para entregar-nos ao estudo e imitação de uma literatura, a qual, se bem que rica e brilhante não tem deixado de contribuir para dar uma direção falsa e forçada ao espírito de nossa literatura nacional” (GUIMARÃES, B. *A Actualidade*, 1859, número 54, p. 2). Por conseguinte, a poesia de Guimarães e Gama se mostra contemporânea visto que é “reflexiva, crítica, uma poesia de cultura” (BARBOSA, 1986, p. 17), que ultrapassaram seu tempo. No mesmo artigo, o crítico mineiro continua suas indagações, quando aponta que:

A cultura das letras é sem dúvida um agente poderoso de civilização, como também um sintoma, que revela de um modo brilhante a existência dela. É, sobretudo nos monumentos literários, que vão legando as gerações futuras, que se reflete clara e fielmente a fisionomia das diversas épocas e das diversas nacionalidades (GUIMARÃES, B. *A Actualidade*, 1/10/1859, nº 54, p. 2).

Sendo assim, o escritor tentou defender seu ideal de fazer uma literatura nacional e a seu modo fez transparecer isso em seus romances e poesias, defendendo diversas nacionalidades, ou seja, a pluralidade, não apenas um modelo europeu. Por mais que o poeta não se prendesse a convenções literárias para escrever, os temas sociais, históricos, religiosos e culturais aparecem em seu texto mostrando que “cada poeta é diferente, único, insubstituível” (PAZ, 2013, p. 143). Logo, essa busca do mineiro pela identidade brasileira a partir do interior do país, cujo lugar guarda tradições, e de Gama em sua busca pelos ancestrais, nos lembra da assertiva de Michel Maffesoli, quando salienta que:

Esse enraizamento dinâmico se encontra na origem do todas as manifestações contemporâneas que celebram o território, os produtos da




região, os festivais folclóricos, as lendas locais e as encenações históricas de um determinado fato importante, de um determinado personagem famoso da região, cidade ou cantão. O localismo, em seu sentido forte, é um componente da pós-modernidade (MAFFESOLI, 2012, p. 7).

O localismo citado pelo autor nos remete a busca pela África, nos poemas dos dois poetas referentes à escravidão, mencionados anteriormente, principalmente em Gama. A busca de Bernardo e Gama por uma cultura genuinamente brasileira condiz com os escravizados em busca de sua ancestralidade. Notamos com isso que nosso próprio modo de pensar, em resgatar nossa memória, é herança africana. Conseguimos contemplar os elementos presentes nas produções citadas do mineiro nesta seção, no qual o mesmo trouxe nos enredos as lendas mineiras, a geografia local, os festejos populares, personagens importantes da história, dentre outros recursos que mostram que, além da “escuridão de sua época”, ele mostrou os costumes que fazem parte do que somos como brasileiros, revelando com isso que seus escritos continuam atuais e que faltou muito a crítica literária abordá-los, enquadrando Bernardo Guimarães a um mero contador de “causos”, apontando sua poesia boêmia, bem como sua vida, similar ao que se conhece de Byron, apontado pelos excessos de vadiagem, e Luiz Gama como abolicionista, sem mencionar sua produção poética na qual criticou muitas convenções sociais.

Poemas românticos contemporâneos

Baseado nas teorias do contemporâneo e sobre a pós-modernidade de Agambem, *O que é o contemporâneo* (2009), e Maffesoli, *O tempo retorna* (2012), elencamos alguns poemas de Guimarães e Gama a fim de exibir como ambos no século XIX estavam com o pensamento à frente dos demais de sua época, no que tange a exposição de suas ideias sobre o comportamento social.

No primeiro poema “Elixir do pajé” (1875) o vate mineiro aborda a sexualidade do índio, que já em idade avançada não tem mais força para o sexo. Contudo, através de um elixir recupera sua virilidade. Nesse sentido, o valor do texto “está vinculado ao reconhecimento pela crítica da falsificação pelo indianismo romântico de uma raiz da identidade cultural brasileira” (MACHADO, 2010). Inferimos, além disso, que o tema da impotência sexual masculina é atual, pois a indústria farmacêutica dedica inúmeros



estudos para prolongar a vida sexual dos homens, existindo no mercado comercial remédios estimulantes para eles. Na primeira estrofe do poema observamos (MACHADO, 2010, p. 63):

Que tens, caralho, que pesar te oprime
que assim te vejo murcho e cabisbaixo,
sumido entre essa basta pentelheira,
mole, caindo pela perna abaixo?


Temos na estrofe um diálogo entre o personagem interrogando o seu próprio órgão genital. Dando continuidade a história, o eu poético informa que “eis um santo elixir miraculoso/ que vem de longes terras” (MACHADO, 2010, p. 65) indicando o surgimento da figura do pajé, que em seguida:

À meia-noite, à luz da lua nova,
co’os manitós falando em uma cova,
ao som de atroz conjuro e negra praga,
compôs esta triaga
de plantas cabalísticas colhidas,
por suas próprias mãos às escondidas.

Depois do processo ritual, o pajé consegue enfim um elixir que lhe trouxe de volta a energia sexual. Assim, o velho passa a ter milhares de relações sexuais sem parar, e com a chegada de sua morte, o elixir se torna líquido sagrado, passado entre as gerações. Logo, “a fanfarronice deixa-se ver ainda como o último golpe rebaixador na satirização do herói indianista” (MACHADO, 2010, p.35). Conferimos nas estrofes finais (MACHADO, 2010, p. 69):

Eu te adoro, água divina,
santo elixir do tesão,
eu te dou meu coração,
eu te entrego a minha porra!
Faze que ela, sempre tesa,
e em tesão sempre crescendo,
sem cessar viva fodendo,
até que fodendo morra!

Na declaração do pajé nota-se o agradecimento pelo remédio sagrado, que devolve o prazer aos que haviam perdido e que perdure para sempre o tesão. Irineu Corrêa salienta sobre o poema citado acima que:



O movimento Bernardino é realizado na direção oposta às sublimações românticas, o personagem expõe aquilo que tem de mais próximo de sua natureza humana: a sexualidade sempre tão exposta e tão denegada nesta *terra brasilis*, desde quando Pero Vaz de Caminha escreve sua missiva fundadora. Neste sentido, o índio bandalho seria como um novo ator que alteraria a idealizada cena indianista: um estranho no paraíso da literatura, conforme organizado pela perspectiva canônica (CORRÊA, 2006, p. 182).


Os versos do poeta mineiro indicam seu posicionamento contra a idealização e mitificação do mesmo. A sexualidade traz o personagem para o mundo real, cheio de orgias e prazeres. Em “A origem do Mênstruo” temos a sexualidade da mulher em questão. Essa foi simbolizada como um ser divino para os românticos, puro e intocável, e desconstruída pelo poeta, que escreve sobre a noite de amor que aconteceria entre Vênus e Anquises, mas que foi interrompida por uma travessura. O texto remete “a evocação do episódio mitológico da sedução de Anquises por Afrodite” (MACHADO, 2010, p.36). Até hoje, mesmo com tantos trabalhos sobre a obra de Bernardo Guimarães, esse poema não é citado, sendo Machado um dos poucos a estudá-lo, assim como Irineu Corrêa. Apesar de citar “O Elixir do Pajé”, como fizeram Candido (1993), Magalhães (1926), “A Origem do Mênstruo” sequer é indicado. Por isso, oferecemos ao leitor algumas de suas estrofes, começando por (MACHADO, 2010, p. 71):

Stava Vênus gentil junto da fonte
fazendo o seu pentelho,
com todo o jeito, pra que não ferisse
das cricas o aparelho.

Tinha que dar o cu naquela noite
ao grande pai Anquises,
o qual, com ela, se não mente a fama,
passou dias felizes...

A noite de amor entre os personagens geraria um filho por nome Eneias. Porém, a noite seria também de prazer para ambos os parceiros, e não apenas para conceber um filho. Contudo, a deusa foi atrapalhada em sua atividade pela ninfa Galateia, que ao ver a cena, arremessa um objeto que assusta Vênus, que tem como consequência um ferimento. Averiguemos em (MACHADO, 2010, p. 72):

Nesse entretanto, a ninfa Galateia,
acaso ali passava,
e vendo a deusa assim tão agachada,
julgou que ela cagava... [...]



Vênus se assusta. A branca mão mimosa
se agita alvoroçada,
e no cono lhe prega (oh! Caso horrendo)
tremenda navalhada.

Ferida, a deusa não podia realizar sua missão, além de perder sua noite de prazer, e com isso vai até Anquises relatar sobre o acontecimento. Julgam necessário punir a ninfa por esse crime bárbaro, enquanto a deusa lamenta “ai! Um mês sem foder! Que atroz suplício...” (MACHADO, 2010, p. 73). Reúnem-se no alto do Olimpo os deuses a fim de decidir qual castigo será aplicado à ninfa, até que chegam a uma conclusão (MACHADO, 2010, p. 76):


Para punir tão bárbaro atentado,
toda humana crica,
de hoje em diante, lá de tempo em tempo,
escorra sangue em bica...
E por memória eterna chore sempre
o cono da mulher,
com lágrimas de sangue, o caso infando,
enquanto mundo houver...

No poema, o mênstruo não é colocado como algo nojento ou impuro, pelo contrário, o eu poético conta que quem beber da água em que o sangue da deusa escorreu “jamais perde o tesão” (MACHADO, 2010, p.72), ou na cena em que Apolo ao ver o sangue escorrendo pelas partes íntimas de Vênus “de tesão terrível assaltado,/ conter-se mal podia!”(MACHADO, 2010, p. 75). Os deuses rogam inúmeras pragas a Galateia, contudo, o castigo ficou sobre todas as mortais. Nos parece que Galatéia é o próprio poeta que disposto a retirar a mulher do pedestal de musa intocável a torna uma mortal comum, que sangra e tem prazer. Conforme afirmação do crítico:

Aí estão o caráter carnavalesco da representação do olimpo, a livre-familiarização, os escândalos e excentricidades. O tratamento rebaixado de Vênus nesse poema da segunda metade do século XIX emancipa-se de sua referência estrita à morte cômica dos deuses (Vênus) para incorporar um tratamento desidealizador da mulher, em ruptura aberta com a mitificação sentimental (virgens, donzelas) que impregna a poesia romântica brasileira (MACHADO, 2010, p. 38).

Na conclusão de Irineu Corrêa sobre o poema, afirma que Guimarães corrobora:

Uma mulher bem distante da virgem dos lábios de mel, da índia pura e bela, dominada pelo abraço do jovem brasileiro [...] é visceral no



sentido que toca na imagem feminina no que ela tem de mais íntimo e de interesse vital para a manutenção da espécie, seu sexo e sua capacidade de reprodução, que a menstruação indica (CORRÊA, 2006, p. 217).

Logo, o poeta através da alegoria, assim como faz com índio no poema mencionado anteriormente, traz à baila a realidade de toda mulher, a menstruação, que indica a fertilidade. Ou seja, a mulher faz sexo por prazer e reproduz. Ao utilizar os deuses do Olimpo como personagens, o vate desmistifica a figura feminina idealizada, e do ameríndio criada pelos românticos, tornando-os reais. As composições são transgressoras, no sentido que quebram a ordem vigente na literatura e no meio social, revelando o ser humano e seus instintos. Com a exposição dos poemas eróticos de Bernardo, bem como a proibição dos mesmos de circularem em meios cultos e por isso foram publicados clandestinamente, quebram a ideia de que o corpo “vale se for produtor ou reprodutor” (MAFFESOLI, 2012, p. 64), pois em ambas as produções “o corpo produtivo cede lugar a um corpo erótico” (MAFFESOLI, 2012, p. 65). Ainda segundo o mesmo sociólogo:

O corpo não é mais simples instrumento que só tem valor de uso para a dominação da terra, mas vale por si mesmo. É valorizado enquanto tal. Por meio desses três parâmetros – o corpo que adornamos, do qual cuidamos e que construímos -, a ênfase é posta menos sobre a dominação (de si mesmo, do mundo), concepção ascética que marcou a modernidade, do que sobre uma forma de gozo do mundo e de concordância com ele (MAFFESOLI, 2012, p. 65-66).

Em “À saia balão” (1865), publicado em *Poesias*, o mineiro critica humoristicamente a moda feminina. Já nesta época as mulheres eram reféns de uma moda que lhes impunha modos de vestir e se comportar. O poema se mostra atual visto que ainda hoje a moda estabelece padrões, não só na vestimenta como também em seus corpos, tornando-as “reféns da indústria da beleza”. Ao todo, são vinte estrofes que compõem o poema. Vejamos a primeira estrofe (GUIMARÃES, A, 1959, p. 93):

Balão, balão, balão! Cúpula errante,
Atrevido cometa de ampla roda,
Que invades triunfante
Os horizontes frívolos da moda;

Os adjetivos para tal vestimenta são evidentes no poema: frívolo, errante, atrevido cometa, que invade o espaço urbano e se torna obrigatório entre as mulheres. O poeta

através dos versos mostra-se contra a moda vinda da Europa, pois o mesmo repudiava os modelos vindos de fora. Em suas estrofes finais, afirma que (GUIMARÃES, A. 1959, p. 98):


Mas não o quer o mundo, onde hoje impera
A moda soberana –
Esquivar-se para sempre, oh! Quem pudera
À sua lei tirana!...
Balão, balão, balão! – fatal presente,
Com que brindou das belas a inconstância
A caprichosa moda impertinente,
Sepulcro da elegância,
Tirando do bom gosto, horror das graças!...
Render-te os cultos meus não posso, não;
Roam-te sem cessar ratos e traças,
Balão, balão, balão.

Anos mais tarde, no poema *À moda* (1883), publicado em *Folhas de Outono* Guimarães volta a falar da saia balão, iniciando o poema pedindo desculpas pelos versos maldosos que outrora compusera sobre o traje, e logo volta a atacar a moda que deixa a mulher mais feia. É composto por quinze estrofes no total. Leiamos na quinta estrofe (GUIMARÃES, A. 1959, p. 395):

Se vires pelas ruas aos saltinhos
Mover-se um obelisco,
Como quem vai pisando sobre espinhos,
Com a cauda varrendo imenso cisco,
Do espectro esguio a forma não te espante
Não fujas, não, que ai vai uma elegante.

A roupa feminina prima pelo exagero, uma vassoura varrendo o chão por onde passa, o cisco, a sujeira de ruas mal calçadas e com pedras irregulares, tal como se estivesse pisando em espinhos, achando-se um verdadeiro desafio usar tal obelisco.

O autor conclui o poema com o manifesto: “Ah! Modista cruel, que por chacota/ Te pôs assim com cara de idiota”. Para o eu poético, tais roupas só deixam as mulheres mais feias e desengonçadas, escondendo a beleza natural das mesmas. Nada de porte de realeza, a moda imposta é motivo de chacota. Para Camilo (1993, p.59) nos poemas “a mulher é retratada como vítima dos ditames da moda, que, desde a mais remota manifestação da sátira misógina, foi sempre tomada como signo da vaidade e



frivolidade tributadas ao sexo frágil”. No entanto, o modo como sempre foram educadas, para o lar, a família e o marido, fizeram dela alvo de várias imposições. As personagens femininas de Guimarães diferem em seus trajes, que são mais simples e nunca descritas com saia balão.

Em “Balão” (1859) Luiz Gama narra a divertida história de um aparente balão, que na verdade é o vestido feminino mais usado na época. Vejamos algumas estrofes (GAMA, 2000, p. 55):

Rengas moçoilas,
De pernas finas,
Têm lamparinas,
Óleo e carvão;
Para empinarem
O bojo enorme,
Do desconforme,
Monstro balão.[...]
Silêncio! É ela!
Tão vaporosa
Vem, e formosa,
- que treme o chão!
Gordo cetáceo,
Deixando os mares,
Que afronta os lares
Sobre um balão!

Assim como Guimarães, Gama fez chacota da imposição da moda às mulheres que precisavam mostrar luxo e elegância vestindo o tal balão. Em relação à moda, Maffesoli (2012, p. 63) observa que: “vestir e adornar não sendo mais a especificidade de uma parte da humanidade, a mais animal – as mulheres – mas tornando-se uma característica geral”. Nesse sentido, o vestir-se se torna sagrado, compondo a rotina diária das pessoas, que precisam seguir as tendências do mercado, que são destaque nas semanas de moda e movimentam milhões por ano. Contudo, ainda percebemos que o grande alvo da moda são as mulheres, que seguem os padrões lançados pelas grandes marcas. Também sobre o tema, o mesmo autor afirma que “a recusa da aparência é a negação do trágico da existência. Enquanto as épocas em que há uma eflorescência das roupas, jogo das aparências, em que a moda volta à ordem do dia, são épocas em que se faz notório o sentido de finitude. Outra maneira de dizer trágico”. (MAFFESOLI, 2012, p. 69).

Outro traço contemporâneo em ambos os poetas românticos é o elemento místico. Maffesoli aponta que “a ordem simbólica, para além ou aquém do racionalismo moderno, reinveste os grandes discursos míticos. Essas lendas que, curiosamente, continuam a fazer vibrar, senão os espíritos, pelo menos a alma” (MAFFESOLI, 2012, p. 61). Nesse sentido, o mundo pós-moderno se encanta com a vida primitiva e mística em *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, *As crônicas de Nárnia*, dentre outros textos que invocam esse passado da humanidade. Em “Orgia dos Duendes” (1865), de Guimarães, e “Uma orquestra” (1859) de Gama, vemos o religioso como tema central dos textos, cujo Candomblé é o carro chefe. Nas produções o culto religioso é descrito por entre metáforas devido à proibição na época em que foram escritos. Também encontramos a busca pelo “localismo”, termo usado por Maffesoli, já que os poetas ao mencionarem a religião de matriz africana também invocam a terra de origem e buscam a partir dela a cultura brasileira. No poema “Uma Orquestra” (2000, p. 65-66) Gama, escreve que:


“- Formosa deidade,
Galante Ciprina,
- Vestida à romana-
Trajando batina”.[...]

“Mas eis que diviso
Um velho zangão,
Zurzindo raivoso
No seu rabecão”.

Percebemos no fragmento a *yalorixá* (conhecida por mãe-de-santo), vestida com seu traje imponente, assemelhando-se a batina dos católicos, e também os *alabês*, os chefes da orquestra do Candomblé. No texto “Orgia dos Duendes” (GUIMARÃES, A. 1959, p.144-145) de Guimarães lemos que:

E a rainha co’as mãos ressequidas
O sinal por três vezes foi dando,
A corte das almas perdidas
Desta sorte ao batuque chamando:

"Vinde, ó filhas do oco do pau,
Lagartixas do rabo vermelho,
Vinde, vinde tocar marimbau,
Que hoje é festa de grande aparelho.



Igualmente temos as figuras da *yalorixá* e do *alabê*, pessoas sem as quais não se cultuam os *Orixás*, além de outras pessoas tão importantes quanto. Com a leitura das estrofes acima temos exemplos de que os dois vates estavam atentos aos acontecimentos do país. A religião afro-brasileira fazia, e faz parte do cotidiano das pessoas e precisava ser abordada em nossa literatura, mesmo que de forma alegórica. Os textos que mencionaram as práticas religiosas africanas demonizavam as mesmas, sendo que nos poemas acima está inserida em nossa vida, como festas, modos de agir, na fé, por mais que seja negada pela cultura hegemônica. Na afirmação de Pinho, lemos que:

Narrar é pensar um problema, não pelo gosto doentio de buscar um erro, imaginar o equívoco, vangloriar-se da imperfeição. A ficção é sempre problematizar, não deixar quieto, trazer a insegurança pela perfeição de que a cultura, tão generosa nos sabores e saberes proporcionados, pode ser cruel ou ser recrutada pelos desejos de elitização, exclusão e seleção convencionais (PINHO, 2011, p. 164).

Na citação lemos como é importante ainda nos dias de hoje ler e entender o que poetas como Gama e Guimarães escreveram, visto que a humanidade ainda incorre sobre os mesmos problemas e erros. A literatura tem como uma de suas funções denunciar e não se calar diante de tais acontecimentos sociais, bem como enfrentar os modelos sociais impostos pelas elites e mostrar o país plural em que vivemos.

Considerações Finais

Os temas inusitados das poesias exibidas nesse trabalho mostram como os autores aqui abordados não desejavam copiar seus colegas de época. Longe de idealizar, eles pretendiam discutir sobre o cotidiano, os prazeres, os vícios, os sentimentos humanos de insegurança perante a vida, o drama social tanto pela escravatura quanto pela imposição da moda europeia que dominava o país. Nos poemas pornográficos de Guimarães, notamos como este põe a nu os tabus sociais, como a sexualidade tanto masculina quanto feminina, em que o sexo e o corpo não servem apenas como instrumento reprodutor, e sim para o prazer humano.

Temos, portanto, nos poemas expostos nesse trabalho, os temas pós-modernos elencados por Maffesoli, como a busca pelo território de origem, o corpo erótico, as imposições da moda, o retorno do místico primitivo e tribal. Com isso temos os retornos violentos, que a Modernidade encobriu durante séculos e a Pós-modernidade trás a

baila. Logo, os autores se mostram contemporâneos, pois seus discursos transcendem suas épocas de escrita, e seus escritos, como apontado por Bernardo Guimarães, são legados para as gerações futuras. Os poetas e críticos viveram seu tempo, enxergaram as trevas e sobre elas falaram e viveram.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BARBOSA, João Alexandre. *As ilusões da Modernidade: notas sobre a historicidade da lírica moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

CAMILO, Vagner. *Risos entre pares: poesia e comicidade no Romantismo brasileiro*. Campinas, SP: UNICAMP, 1993, p. 1-213.

COMPAGNON, Antonie. *Literatura para que?* Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORRÊA, Irineu Eduardo Jones. *Bernardo Guimarães e o paraíso obscuro: a floresta enfeitada e os corpos da luxúria no romantismo*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006, p.1-247.

GAMA, Luiz. *Primeiras Trovas Burlescas*. Organizado por Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GUIMARÃES, Alphonsus. *Poesias completas de Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.

GUIMARÃES, Bernardo. Revista Literária. In: *A Actualidade*. Rio de Janeiro: Edição 54, 1/10/1859, p. 1-4. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=235296&PagFis=0&Pesq=>. Acesso 05/03/2017.

MACHADO, Duda. *Bernardo Guimarães Elixir do Pajé: poemas de humor, sátira e escatologia*. Org. Duda Machado. São Paulo: Hedra, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Tradução Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PINHO, Adeíto Manoel. *Perfeitas Memórias: literatura, experiência e invenção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.